

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS



TUPINAMBÁ

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

TUPINAMBÁ

Autor: Comunidade Tupinambá  
Editor: Sebastián Gerlic

Patrocínio



FAZCULTURA  
PROGRAMA ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA



Realização:



THYDEWÁ

Apoio:



Os Índios Tupinambá das 23 comunidades são os verdadeiros autores desse livro, os textos e as fotos foram feitos pelos índios Tupinambá em Oficinas de Identidade e Expressão Criativa, em agosto de 2002, com a colaboração de Gabi de Mello e Sebastián Gerlic.

O projeto ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS quer registrar seu sincero agradecimento a todo o povo das 23 comunidades da Nação Tupinambá, e especialmente a: Dona Amotara (Nivalda) e família, Cacique Jamopoty e família, Dona Araponga (Dominga) e família, Seu Apricho e família, Edivaldo Ribeiro de Lucena (Coroa), Moisés, Mboessara, Guaraci, Jenilson, Piroca e família, Pinduca e família, Poraussubara, Poraybu, Inyäkãñu, Uiru, Juerana, Inaiá, Sendy, Atã, Oyline, Rosenice, Arlene, Poraijibica.

Queremos especialmente agradecer ao trabalho de muitos índios de diferentes Nações que dão vida a este projeto: Kariri-Xocó, Fulni-ô, Pankararu, Tumbalalá, Truká, Kiriri, Xucuru-Kariri e Kaxinawá.

Projeto Educativo Sócio-Cultural: ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

Coordenação: Sebastián Gerlic

Produção Executiva: Cristina Lima

Projeto Gráfico: Luis Henrique

Finalização: Rogério Rios

Produção Gráfica: Cristóbal Fraga

Facilitadora: Gabi de Mello

Consultoria: Derval Gramacho

Administração: Marcia Cardim

Realização: Thydêwá

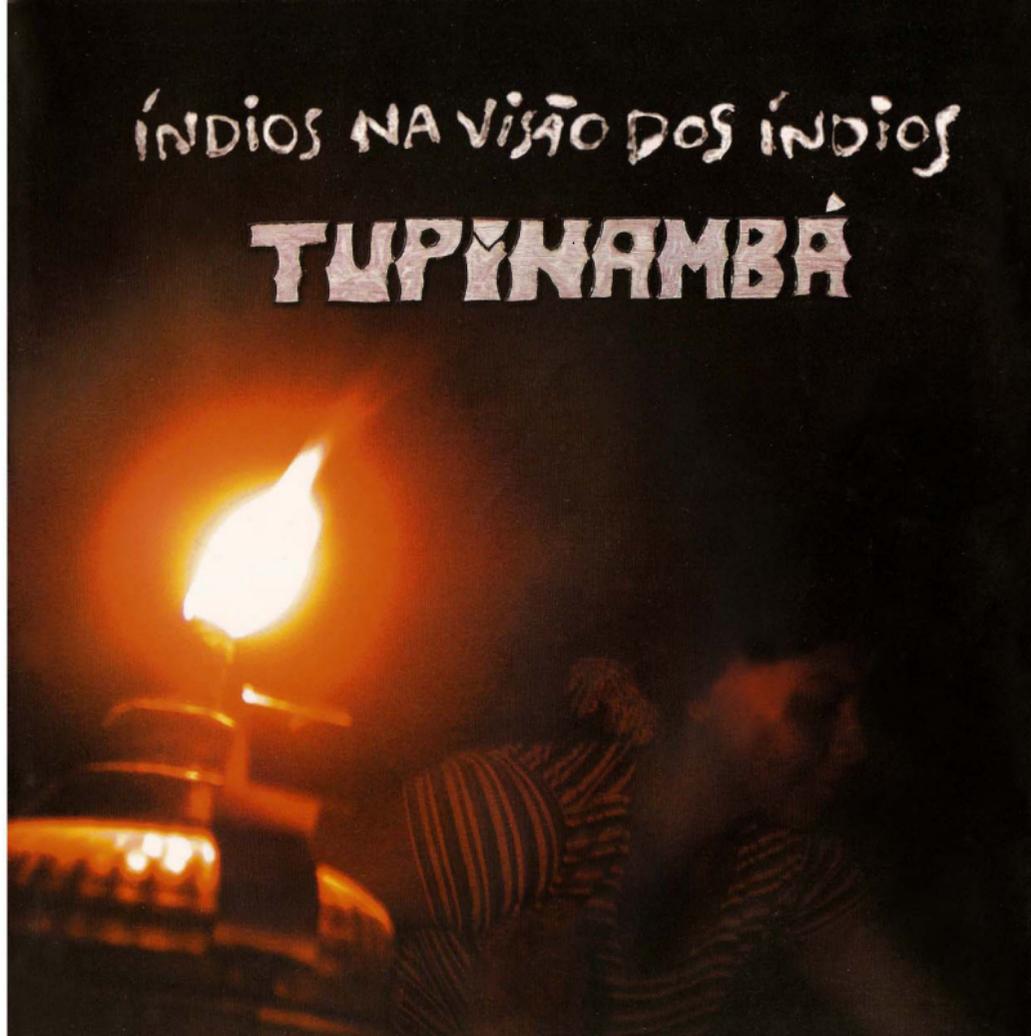
Agradecemos também a Fernando Rocha, Eduardo Gouveia, Jurema Machado, Djalma Ferreira, Telmo Gavazza, Eduardo Safira, Davi Pita, Naum Bandeira, David Glat, Nicolas Hallet, Rosângela e Luiz Gonzaga.

[www.visaodosindios.com.br](http://www.visaodosindios.com.br)  
[dosindios@terra.com.br](mailto:dosindios@terra.com.br)

Trechos desta obra poderão ser citados, desde que mencionada a fonte.

# ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

## TUPINAMBÁ



Jacy aê iandé Jacy  
mba-e pé moindy iandé taba  
Tupã our tym  
Isapé iandé taba

Ixé asó sy Jacy  
To-uri pitibó  
ixé asó xe uby Tupã  
pé iandé taba byr

Jacy é nossa lua  
Que clareia nossa aldeia  
Tupã venha arramiar  
Iluminar nossa aldeia

Eu vou pedir a minha mãe Jacy  
Que ela venha nos ajudar  
Eu vou pedir a meu pai Tupã  
Para nossa aldeia se alevantar



Quando a lua está iluminando o Murici ela libera energias positivas para o Murici e aí fica mais fácil pra fazer o remédio e a ferida sarar mais rápido.

A gente faz banhos do Murici.

Antigamente,  
os índios  
faziam  
o fogo  
da pedra  
e com  
o Murici  
era mais  
fácil  
porque  
ele  
ficava  
sequinho  
e  
acendia  
logo.

*Leila*





TUPINAMBÁ - POVO EM PÉ

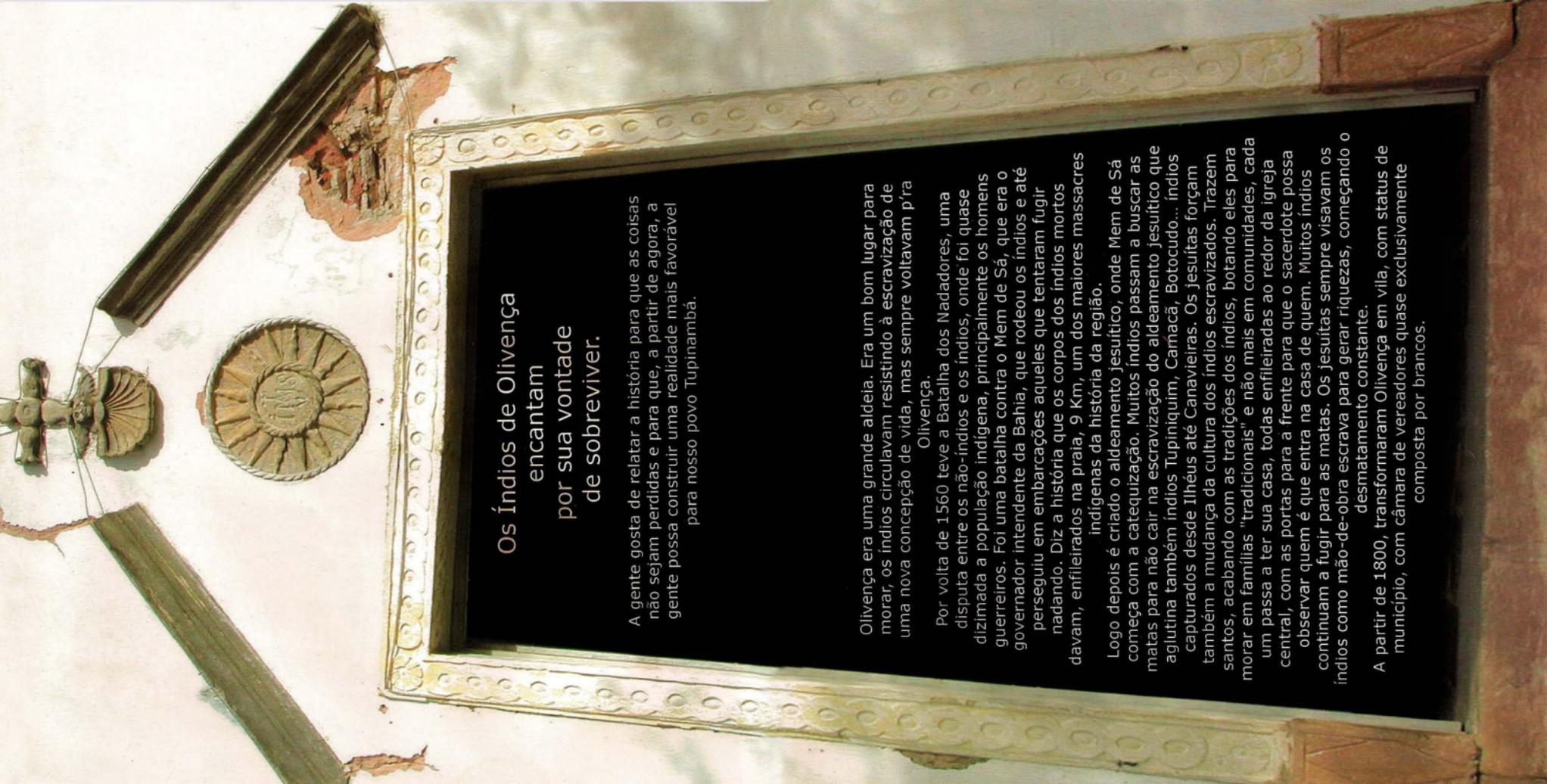


TUPINAMBÁ - POVO MAIS PERTO DE DEUS



Nação Tupinambá  
(Sul da Bahia, a 15 km de Ilhéus)  
92 km<sup>2</sup> (7 Léguas em Quadro)  
4.300 Índios em 23 comunidades





## Os Índios de Olivença encantam por sua vontade de sobreviver.

A gente gosta de relatar a história para que as coisas não sejam perdidas e para que, a partir de agora, a gente possa construir uma realidade mais favorável para nosso povo Tupinambá.

Olivença era uma grande aldeia. Era um bom lugar para morar, os índios circulavam resistindo à escravização de uma nova concepção de vida, mas sempre voltavam p'ra Olivença.

Por volta de 1560 teve a Batalha dos Nadadores, uma disputa entre os não-índios e os índios, onde foi quase dizimada a população indígena, principalmente os homens guerreiros. Foi uma batalha contra o Mem de Sá, que era o governador intendente da Bahia, que rodeou os índios e até perseguiu em embarcações aqueles que tentaram fugir nadando. Diz a história que os corpos dos índios mortos davam, enfileirados na praia, 9 Km, um dos maiores massacres indígenas da história da região.

Logo depois é criado o aldeamento jesuítico, onde Mem de Sá começa com a catequização. Muitos índios passam a buscar as matas para não cair na escravização do aldeamento jesuítico que aglutina também índios Tupiniquim, Camacã, Botocudo... índios capturados desde Ilhéus até Canavieiras. Os jesuítas forçam também a mudança da cultura dos índios escravizados. Trazem santos, acabando com as tradições dos índios, botando eles para morar em famílias "tradicionais" e não mais em comunidades, cada um passa a ter sua casa, todas enfileiradas ao redor da igreja central, com as portas para a frente para que o sacerdote possa observar quem é que entra na casa de quem. Muitos índios continuavam a fugir para as matas. Os jesuítas sempre visavam os índios como mão-de-obra escrava para gerar riquezas, começando o desmatamento constante.

A partir de 1800, transformaram Olivença em vila, com status de município, com câmara de vereadores quase exclusivamente composta por brancos.

A Guerra do Paraguai alistou muitos índios com promessas de riquezas, mas nem armas deram e poucos voltaram, porque eles eram do primeiro pelotão, a arco e flecha, que era pra morrer mesmo!

Depois foi a Guarda Nacional, onde iludiam índios com título de capitão fazendo uns índios brigar contra outros com promessas de dinheiro e prestígio. Igual a hoje, jogando os pequenos contra os pequenos, os não-índios contra os índios. Depois da Guerra do Paraguai (1865), *'como recompensa'*, o Rei assina a demarcação das terras indígenas.

Eu falo para os parentes: Não se envergonhem por não ter a língua, esse não saber a língua foi um movimento de resistência. Tem que entender que tinham as armas de fogo contra o arco e flecha, a malícia por sobre a bondade. Nós hoje estamos juntando caquinhos para reconstruir a história. A concepção do modo de vida dos não-índios, a intolerância deles que querem que continuemos marginalizados.

Já em 1922 aparece a figura do caboclo MARCELINO, marcando a história da luta pelos direitos dos índios de Olivença. Ele usa aquilo que aprendeu com os brancos em favor da comunidade Tupinambá, em favor dos parentes; começa a articular um movimento contrário aos interesses do município, incomodando os grandes coronéis de Ilhéus que tinham suas casas de veraneio em Olivença e decidem persegui-lo. Então vem a batalha dos índios para que não construam a

ponte do rio Cururupi, que facilitaria a chegada de mais brancos a Olivença, onde outra vez os índios são massacrados. Muitos Tupinambá fogem, alguns para a aldeia Caramuru-Paraguaçu e muitos outros pelas matas a dentro.



Marcelino foi criado no Cururupi em uma fazenda de umas pessoas que tinham uma visão diferente, a família Pinto, que mesmo se apossando das terras indígenas deram uma possibilidade a Marcelino de estudar a língua portuguesa e ele conseguiu também preservar muito bem a língua Tupi-Guarani. Ele começa a buscar o diálogo para reivindicar os direitos dos índios. Ele debatia as idéias na cidade tanto como organizava os índios nas matas. Marcelino desmascara os brancos que forjavam os documentos e cada vez que ele vinha retomar Olivença ele fazia questão de queimar os documentos e sempre dizia: "Vamos acabar com essas cercas!" Sempre buscando organizar o povo e defender seus direitos.

Ele sempre explicava que o índio nunca pensou em acúmulo de bens, de riquezas. Para o índio, o bem maior que ele tem é aquilo que ele pode dizer que é dele, os índios não concebem alguém ser dono de um rio, ser dono das matas, alguém ser dono de montanhas, o índio entende assim: eu cuido de um cachorro, eu cuido de minha oca e tenho minha liberdade. Liberdade era o bem mais importante que o índio tinha.

Eles prenderam Marcelino várias vezes até que, em 1938, deram cabo dele.

Nós não tivemos descanso, são 500 anos de confronto, e sempre preservando, reconstruindo. Muito de nossos parentes não falam da história porque foram muito humilhados, hoje estão com a identidade adormecida. Os índios daqui sempre foram muito reprimidos, perseguidos. Nós fomos cercados ideologicamente, sempre nos dizendo que não somos índios, que não temos direitos, que somos selvagens, brutais, que não queremos que o país desenvolva, mas nós índios somos solidários, libertários, sempre buscando a igualdade. O mundo dominante sempre nos explora, mesmo nas formas mais sutis, e Marcelino já entendia tudo isso.

### Os índios de Olivença encantam por sua vontade de sobreviver.

Hoje, depois de 502 anos, recebemos nosso reconhecimento oficial como índios que somos, depois de resistir a todas essas políticas de expropriação de nossas terras, sobrevivemos hoje como trabalhadores rurais em regime de semi-escravidão, sem nenhum direito social, sem férias, sem carteira assinada, até sem documentos de identidade, trabalhando na diária a cinco reais, onde um dia de doença é descontado... Alguns índios não se assumem como índios, mas não por uma questão de covardia, e sim, de sobrevivência.

Cláudio Magalhães

Antigamente os índios tinham tudo com fartura, porque todos trabalhavam. Índio só não trabalha quando não tem sua terra para trabalhar, ainda assim até trabalha para os brancos que pegaram sua terra.

Eu nasci em Olivença, que era uma aldeia, tinha tudo de palha, e ainda moro na casa da **minha índia forte**, minha avó que gritava: Daqui só saio para o cemitério! Ela **contava** tudo, desde que eu tinha dez anos que ela me ensinava o que ela sofreu. Morreu em 1975, com 92 anos, eu já tinha 42 anos e oito filhos. Ela dizia: Estudem, meus filhos, para vocês não chegarem ao ponto que nós chegamos de ser escravos. Saibam de seus direitos!

Aqui era aldeia, todos tinham roça, tiravam piaçava, vendiam e compravam as coisas, todo mundo vivia unido, se alguém não tinha já tinha outro que lhe dava. Antigamente não tinha ferro, o machado era de pedra, o fogo era com as pedras, a enxada era de pau. Viviam todo no amor. A casa era de palha de ouricãna e de taipa, mas um dia veio uma lei que dizia que para ficar em Olivença as casas deveriam ser de alvenaria e como os índios não tinham condição, era mais uma forma de expulsá-los.

Em casa de vovó tinha uma cesta cheia de caça: tatu, paca, sariguê... tudo moqueado (seco no tempero e na fumaça), ia no quintal e pegava hortelã, cebolinha, tomate, pimentinha e todo mundo comia, todo mundo ficava satisfeito. Hoje, o índio está passando fome porque o branco não deixa caçar na fazenda dele, nem pescar no rio dele, não tem um lugar para plantar, além disso eles não dão educação porque não querem que o índio aprenda, porque o índio aprendendo, a inteligência dele vai longe e vai conhecer seus direitos e vai exigir.

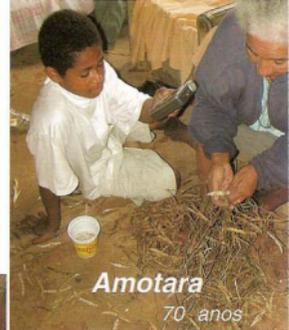
A gente tirava piaçava e trocava por carne. Minha avó fazia JIROBA, que é o aipim machucado com água e botado pra fermentar. Depois de beber um ou dois copos se agüenta até meio dia trabalhando, porque ela é muito forte. Muito antigamente a JIROBA era feita mastigada na boca, o primeiro bocado se jogava fora, porque a boca fica ressecada. Antigamente quando nascia uma criança era curada, botava por sete dias para fazer gargarejo com a raiz do JUÁ, aí nasciam os dentes e não existia isso de dente podre como hoje que as pessoas tem que pegar dentes emprestados.

Minha avó dizia, vamos sair ali e pegar o que comer, ela ralava *tingui*, uma raiz e botava no mar, e logo depois tinha muitos peixes tontos, que nós tratávamos e comíamos. A gente tinha uma relação muito boa com o mar. Dia de sábado era dia de faxina.

Pegava a areia, de forma sagrada, para limpar a casa, botava umas folhas de pitanga para dar cheiro. Do mar apanhava búzios para comer e também para fazer voltas (colares).



Todo mundo tinha seu pedacinho de roça, eu acho que todo mundo tendo um pedacinho de roça vai viver feliz. Antes era mais comunitário, cada um tinha sua roça, mas a terra era de nossa união, dos índios. Sempre nos ajudando alguém fazia uma JIROBA e todo mundo ia nessa roça plantar, eram unidos, partilhando as coisas, eu sonho que um dia vai ser assim, todos amigos, todos juntos, todo mundo tendo.

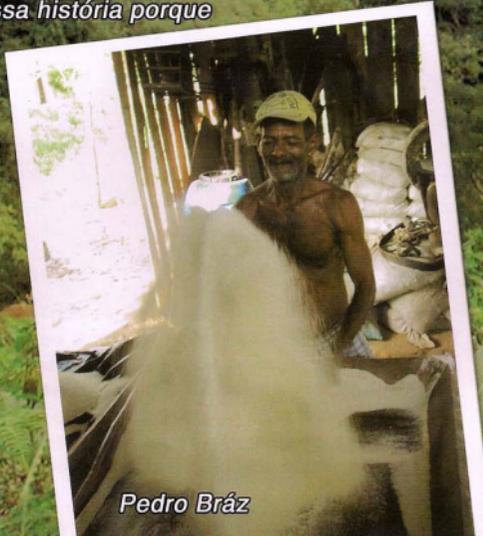


Amotara

70 anos

Quinta-feira era o dia de tomar banho de mar, era sagrado. Se alguém estivesse pesado ia no mar e pegava sete ondas e ficava com disposição novamente; para enxaqueca tomava três goles de água salgada, igual se uma comida fazia mal. Mas hoje tem muito esgoto que dá para o mar, os índios antigamente sempre enterravam suas fezes.

*O problema foi que os brancos começaram a tomar a terra dos índios. Eles botavam uma venda, usavam a cachaça, aí chegava e dizia: caboclo você está me devendo e eu vou ficar com seu lugar. Isso foi depois de Marcelino, porque ele não deixava ninguém entrar. A gente sabe muito pouco de nossa história porque os índios ficaram com medo, por causa da violência contra eles. Hoje está uma injustiça, várias famílias de índios prensadas num pouquinho de terra e os fazendeiros com nossas terras todas. Aqui se vive no regime de cativoiro, os índios estão trabalhando para o branco todos os dias, até aos domingos, porque quando não vão, eles descontam três dias, trabalham obrigados até às 10 ou 12 horas da noite.*



Pedro Bráz

*Planta a maniba da mandioca em uma cova. Enquanto está plantada, se limpa o roçado umas duas vezes. Oito meses ou um ano depois, a pessoa arranca a mandioca. Raspa a raiz e vai colocando dentro do cocho. Liga o motor e rala e fica a massa. Coloca dentro de um saco e tira a goma. Coloca em vários sacos e põe na prensa. E aperta, com os sepos, que são tocos grandes e pesados de madeira. A gente chama de gigante a viga grandona da prensa. Precisa de seis pessoas prá carregar. No outro dia desaperta a prensa e coloca no cocho. Passa na peneira. Aí, sobra a cruêra, que a gente dá pras galinhas. Aí aquela massa, joga no forno e faz a farinha.*



PEDRISA: Aqui foram tirando a cultura do índio, obrigando a falar o português.

LEILA: Quem domesticou os índios aqui foram os jesuítas impondo o catolicismo por isso hoje estamos resgatando, reconhecemos nossa aldeia e agora estamos lutando para demarcar.

PEDRISA: Catequizaram os índios, forçando eles a tirar óleo de baleia e carregar pedras para construir a igreja.

LEILA: Quando eu danço o Porancim eu sinto uma vibração diferente, sinto força, sinto meu pensamento positivo, sinto força para me unir com meu povo.

PEDRISA: O trabalho de resgate da cultura indígena se faz conversando com os mais velhos e passando para os que vêm nascendo.

Eu imagino que os índios Tupinambá, antes dos portugueses chegarem, eram livres, não tinham outra nação para embargar eles. Eles viviam à vontade, tinham onde morar. Ficava um grupo aqui e quando enjoava desse lugar, já se mudava. Quando eles retornavam para o lugar anterior, esse já tava coberto de mata. Não existia doença. Mas qualquer coisa que dava, eles se curavam com as ervas da mata. Antigamente, eles morriam mesmo era de idade. Para alcançar o equilíbrio da natureza vai depender muito da organização e que a gente consiga adquirir nossa terra de volta.

A MANIPUÊRA, às vezes a gente joga fora, às vezes a gente usa pra temperar pimenta, porque ela conserva bem a pimenta. Serve pra adubo pra plantas e também pra matar piolho, carrapato e formiga. Ela é boa quando aparada na prensa, quando ela tá grossa, forte.

Faz a TAPIOCA, o BEJÚ, a GOMA SECA.

Só não vai pro forno a goma seca, A CHIMANGA, que é aquela bolachinha que se desmancha na boca. Ela seca no sol.

Pra fazer PUBA a gente bota a mandioca no rio pra apodrecer, de molho. Nossa família faz no rio, mas dá pra fazer numa bacia com água, dentro de casa.

Passa uns sete dias, pra fermentar.

Ela fica molinha e a gente descasca, passa na peneira, ainda com água, e joga dentro de um saco e lava, lava, lava.

Vai coando e coando até tirar aquela massa, que transforma em puba.

Com a PUBA, se faz o mingau, a pamonha.



Pedrisa

**PEDRO BRÁZ:** De primeiro não tinha essas doenças porque os índios comiam as caças do mato e hoje em dia aparece vários tipos de doenças e os índios estão comendo os mesmos alimentos que os não-índios comem. O índio só podia ser forte porque ele não comia sal. Ele caçava e assava o animal na folha da patioba. Eu mesmo já comi peixe cozido na folha da patioba, na beira do rio. Então, o de comer era da natureza. Matava uma caça e não tinha nada tóxico. Hoje em dia, até um peixe de represa está tóxico porque se dá aqueles adubos pra ele crescer, aumentar. Já se pega uma galinha com 45 dias de vida!



Só pode ser veneno! Os índios não têm mais aquela substância como era de primeiro. As águas poluídas. É difícil para os índios ter a saúde que os antigos tinham por causa dessas coisas com a natureza... está poluído o mundo todo! Esse negócio de tóxico está no mundo todo. Nós aqui bebemos da fonte limpa. É água da natureza. Não tem nada de poluição.



## DONA ALICE

Me casei, tive 17 filhos, nenhum na maternidade, tive todos em casa, com as parteiras e minha mãe. Todos os meninos sadios e fortes. Minha mãe cozinhava folha de manga, folha de algodão para banhar a criança. Muitas pessoas usavam o banho do filho da banana da terra (broto).

A meladinha é com cebola branca, poejo, arruda, alevente e esquindigue. Coloca também a folha de losna. A mulher grávida bebe quando já está deitada, para ajudar nos movimentos do parto.

Coloca cachaça e mistura com mel de abelha e todas as folhas no primeiro dia das dores. A arruda é uma coisa muito boa p'ra ajudar as mulheres. É aquela alegria quando a criança nasce e a gente oferece a bebida para os que visitam. Na hora que o menino nasce, a gente solta foguetes. Eu nunca tomei um comprimido.

A folha do mamão é que nem cloro para lavar roupa branca. A gente passa e a roupa fica toda verdinha. Depois, esfrega e põe na água e ela fica branquinha, bem alvinha.

Para fazer escova de dente a gente batia o cipó verdadeiro, fazia uma buchinha e escovava, sem pasta.

Para ir p'ra Ilhéus é uma dificuldade. Antigamente, a gente viajava pela praia. Passava aquele mar todo de barco. Quando era lua cheia, ou nova, e a maré alta, tinha que esperar ela baixar. Quando chegava no Pontal, a gente saltava e pegava um carro p'ra Olivença e colocava os saquinhos de feira na cabeça. Meus filhos eram tudo pequenos e eu chegava em casa lá p'ra meia-noite e eles tudo me esperando. Dava vontade de dormir na beira da estrada de tão cansada. E eu, com os sacos na cabeça, trazendo carne, fato. O dinheiro era da piaçava, farinha de roda de pé.



## A gente tem esperança

Eu carrego até duas arrobas de piaçava (32 kilos) daqui da comunidade até Olivença. O comprador às vezes não tem dinheiro (24 reais), mas tem feijão, arroz, café, açúcar. A gente vai com um peso e volta com outro bem menor. E se você estiver devendo em alguma bodega, só é a conta de pagar e não traz nada p'ra casa. Então, chega e já tem que ir no mato buscar um palmito p'ra tapear os filhos, para eles comer alguma coisa.

*Um dia desses um filho meu desmaiou de fome... Aí, fui na casa de meu tio, peguei emprestado dois litros de farinha. Voltei p'ra casa e meu filho de 10 anos já tinha ido para o mato com o pai dele tirar o palmito da piaçava e já tava tudo cortadinho p'ra fazer a moqueca. Não tinha gordura, então, fui no mato aqui perto, pegar uns dendê. Cozinhei, na correria. Coloquei no pilão, pisei, fiz uma mão lavada, tirei aquela calda, coei na peneirinha aquela calda grossa, não tinha tempo de apurar o óleo então botei assim, mesmo e fiz a moqueca.*

*Amanheceu o dia, tinha um dinheiro p'ra pegar. Fui atrás e não peguei ele todo, só uma parte e deu para o leite da neném, o açúcar e a farinha que tava em falta e assim deu p'ra passar uma semana, quando fomos de novo trabalhar com a piaçava.*

Se o rio 'tá cheio vai pescar. Tem lugares que a gente vai pescar e o fazendeiro bota p'ra correr. Eles sabem que temos nosso direito e vamos retomar nossa terra, daí ele fica com raiva e sai com bala em cima da gente.

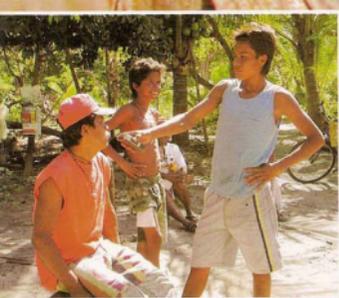
*Outro dia eu tava pescando e chegou um fazendeiro e disse: O que você está fazendo? Eu disse: Tô pescando.*

*Ele perguntou: Você não sabe que não pode pescar aqui?*

*Eu disse: Você tem gado na sua fazenda p'ra dar aos seus filhos e a gente não.*

O peixe no rio, foi Deus que botou, não os fazendeiros. Se a gente não vai buscar, o peixe não vem sozinho... Então, nós pescamos de anzol, de rede, de jiqui, dentro das matas, subindo e descendo ladeira...

A gente tem esperança que vai melhorar...



*Meu nome é Gilmar  
e vou entrevistar  
o Sr. Genilson*

# Piaçava

*Como se tira a piaçava?  
Eu subo em cima, corto as  
tábuas, jogo tudo  
embaixo. Tiro os tocos,  
tiro as fitas.  
Para que servem as fitas?  
Das fitas se faz as vassou-  
ras e também vende, e das  
cascas a gente faz  
cabanas.  
Da piaçava também se faz  
pólvora.*



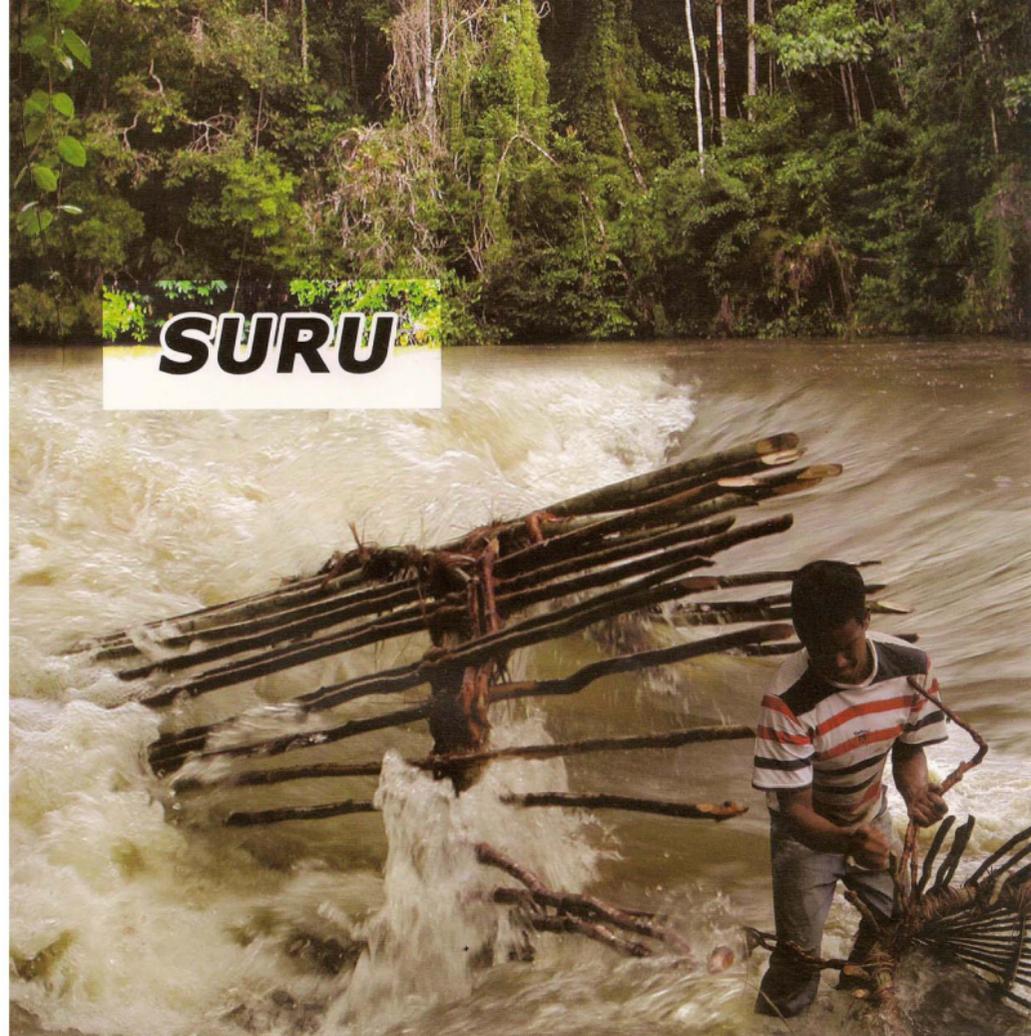
## Piaçava

Sobe na palmeira, corta de facão a piaçava,  
limpa e deixa 15 dias para secar.  
Faz a arroba que é 16 quilos e vende por 15  
reais. Serve pra fazer cabana.  
Já nasci dentro da piaçava, aprendi de  
pequenininho olhando os outros.  
Zé Raimundo dos Santos conversa com Nicinha.





**Vai para o mato, corta as barras, arranca uns cipós, faz o arco, tece e amarra. Aí leva para o rio, lá tira mais dois cipós, amarra dos lados e bota o suru no rio. No outro dia volta e encontra traíra, robalo, pitu, aí é o sustento da gente que é índio.**

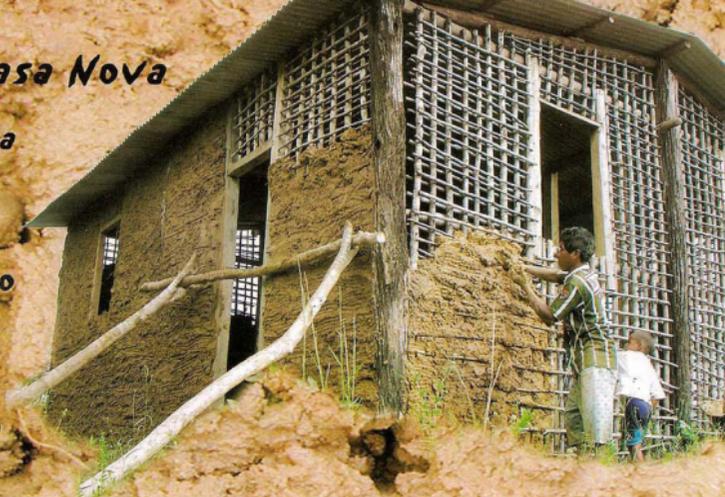


**SURU**

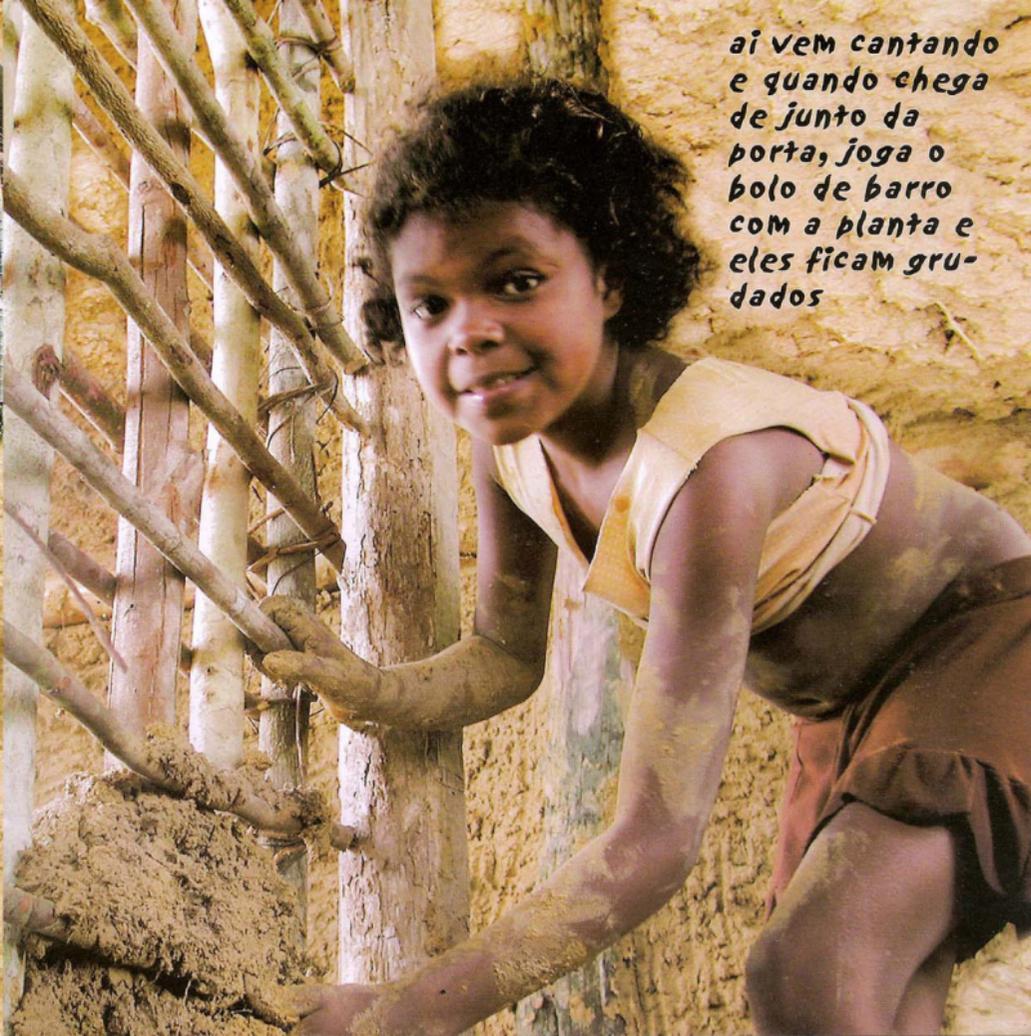
## Ritual de Casa Nova

O dono da casa  
é pego por  
dois homens,  
com os braços  
cruzados ou no  
bangüê,  
levanta até a  
casa com um  
bolo de barro,  
e em cima do  
bolo um galho  
de folhaverde, verde é esperança, alegria,

é sorte para a casa



ai vem cantando  
e quando chega  
de junto da  
porta, joga o  
bolo de barro  
com a planta e  
eles ficam gru-  
dados





## *No mato, a gente se criava!*

*Meu pai criou nós tudo com caça do mato, no tempo que existia. O tempo que eu alcancei, hoje não existe mais. Nem cobra tem mais aqui. Com esse negócio de cortar madeira eles esbagaçaram a mata toda... Antigamente tinha cobra que dava pra andar montado. Tinha paca, tatu, jiboia, onça.*

*Eu sou pai de 15 filhos e criei minha família com dois cachorros, caçando. No mato, a gente se criava. Mas depois foi chegando gente, chegando gente, que está tudo aberto... Daqui pra Buerarema não tem uma ponta de mato. Do Acuipe pra chegar na cidade de Buerarema a gente saía daqui às seis da manhã, pra chegar lá às três da tarde, no pé. Hoje, 15 minutos de carro.*

*Dizem que Olivença ta uma cidade, mas no meu tempo. Era só casinha de palha. Eu nunca mais tive por lá.*

SEU GETÚLIO (93)



Seu Getúlio vive hoje na casa de seu filho Pinduca.

## A melhor coisa que existe na minha vida é viver na Natureza.



Olha, eu gosto de dormir no mato! Acredita? E quando 'tá estiado mesmo é gostoso dormir no mato! Eu sou índio, mesmo. Eu não tenho inveja de quem é rico, e de coisas bonitas. Eu gosto de viver assim, minha vida livre. Aqui eu me sinto livre. Eu sou uma pessoa livre! Não sou mais livre, porque nós índios não temos nossas terras.

No tempo que eu era criancinha, só se via mata nessa região aqui. Hoje em dia, não, está tudo aberto.

Tem um vereador de Itabuna que já comprou um monte de fazenda, vai comprando as fazendinhas das pessoas. Toca o pau a desmatar só p'ra plantar capim, não faz outra coisa... Destruindo!

Caça por aqui não existe mais! Como é que vai ter caça nas capoeirinhas?! P'ra quem gosta de caçar e pescar como eu, é uma tristeza! Meu pai era caçador. Meu avô também era.

Eu me lembro quando era pequeno que eu só comia caça. Dava até p'ra escolher que carne comer, de tanto que tinha. Eu fico até brincando com o meu pai hoje, dizendo:

- 'Tá vendo, ocê matou tudo e agora não tem mais! Mas é brincadeira porque eu sei que o problema mesmo é o desmatamento.

Eu tenho saudade daquele tempo... Se eu penso em ir caçar, vou no Baixão, que é onde tem mata, e não posso, porque só tem placa dizendo: PROIBIDO CAÇAR, PROIBIDO PESCAR! E onde tem mata para o índio viver? Não tem mais! A gente vai viver de quê? Se as coisas continuarem assim, daqui uns 10, 20 anos as crianças não vão conhecer o que é uma caça. Vai só ouvir falar!

Eu que já tenho 42 anos, tem caça que eu não conheço! Eu não conheço porco-do-mato, anta, capivara...Nunca vi essas caças e tenho a maior vontade de ver. Mas acho que não vou mais ver, só se for no zoológico.

Eu nasci na roça, me criei na roça e quero viver aqui p'ra viver sossegado! A gente vive tranquilo, seguro, sadio... Meus meninos vivem aqui com saúde, brincando, correndo, vão na fonte, são felizes... Já na cidade, as crianças vivem presas. Vivem trancadas, imagina?!

## Meu sonho é ter uma terrinha para poder trabalhar e criar os meus filhos.

As pessoas, hoje em dia, já botam os filhos na escola p'ra se formar e trabalhar para os outros. Um vai ser administrador de empresa, piloto de avião, outro vai ser navegador, policial, advogado... Já criam os filhos para essas funções. Eu não. Meu sonho é educar os meus filhos para trabalhar para nós mesmos. Quando eu morrer eles saberem administrar os próprios negócios. Trabalhando na terra p'ra produzir!

A terra é para sempre, já o dinheiro, não. Se não souber administrar, o dinheiro acaba, é por isso que se eu tiver um pedacinho de terra não tem dinheiro que eu troque por ela. Eu quero trabalhar na terra.

Muita gente só pensa em dinheiro, eu não tenho essa ambição. Meu negócio é trabalhar na terra e ver ela produzir. P'ra mim é bonito.

Acho que eu vou realizar! Vou ter o documento dizendo que a terra aqui é minha. Aí, eu vou ser mais feliz ainda!





### **Quando os brancos chegaram aqui já tinha índio.**

Os índios tiravam piaçava e botavam nas costas p'ra vender. Quando os ricos, os brancos chegaram botaram as vendas. Os índios aprenderam a beber e os brancos se aproveitaram disso. E eles davam quilo de carne e outras coisas agradando... e eles tomando a cachaça... Quando ia ver, os brancos iam fazer as contas da venda e diziam: "Ôh! Caboclo, você está me devendo muito, então agora você me dá um pedaço dessa terra como pagamento". E assim, foram tomando os pedaços até ficar assim, o índio sem terra. Eles tomavam tudo e os índios ficavam trabalhando p'ra eles. E continua assim, até hoje.

Quero que os meus filhos e netos, esses que eu não alcançar, consigam suas terras para trabalhar p'ra eles e não para os outros. E ser feliz. E pra ser feliz e forte tem que usar pena, colar de semente do mato, com a força das árvores e das nossas culturas antigas. Tem que unir mais e pisar o pé no chão. Puxa, nós não podemos nem mais andar nú. Mas de primeiro, eles andavam livres no mundo. Iam para o rio com a cesta pescar. Pescava de rede de imbirá e a gente ia mariscar no rio Acuípe. Eu mesmo marisquei muito. Aqui no rio tem traíra, piaçaba, moréia preta e moréia branca.

Antes eu tomava banho no mar. Era bom. O mar era da gente. A gente ia mariscar lá e pegava aqueles buzinho, as lesma, pegava um monte, chegava em casa escaldava e tirava aquele peixinho que fica dentro daquele casco. Ralava o coco e cozinhava com o leite de coco e dendê. Tudo daqui. Hoje não tem mais muito, não. Derrubaram tudo e está tudo nas fazendas do branco.

Antigamente, nossa cultura era de muita festa, viviam todos alegres e não havia brigas, nós dançávamos muito. Agora a gente tem que lutar por respeito.

*Araponga*





## Vivemos perto de Deus

Com o desmatamento e a poluição tudo vai acabar. A água vai sumindo e nós não podemos viver sem a água.

Hoje não tem mais peixe. Antes tinha muito peixe no Rio Santana e o pessoal de fora vinha p'ra cá e fazia umas bombas caseiras, amarrava e soltava no rio. Aquelas

bombas explodiam e matavam os peixes maiores e os pequenininhos também. O pessoal de fora, principalmente da cidade, tem outra mentalidade. Eu acredito que se a gente preservar a natureza a gente está preservando a nossa vida.

A Natureza é a Vida. A gente tem que fazer de tudo p'ra preservar.

Tem pessoas que botam uma roça em cima de um córrego forte e a nascente seca, vai embora. Eu nunca gostei de queimar roça. Eu mesmo nunca queimei. Eu não gosto nem de pensar em ver a terra queimando. A gente observa a mata no verão, num tempo bem quente. Você está na estrada, sufocado com o sol quente e quando entra na mata você recebe uma fresca da natureza, uma coisa boa... Aí dá p'ra observar a diferença de um lugar de mata de um desmatado. Fico pensando... aqui era tudo mata e hoje está assim, desmatado. Mas ainda vem aqueles micos pretos da cara vermelha pulando pelas árvores. Imagina antes como era?! A gente ainda encontra os bichinhos, mas eles estão sumindo.

Se tem dinheiro, tem justiça. O "grande" tem o poder de desmatar uma área grande e pagar uma fiança para o Ibama, por exemplo. O que vale p'ra eles é você pagar uma taxa alta e pronto. P'ra quem tem condições essa taxa ainda é pouco, então eles nem ligam p'ra natureza.

A gente observa que o político só vem na época de eleições. Infelizmente, esses benefícios, como a eletricidade, em algum sentido prejudicam a vida da gente.

Só 10% das coisas que passam na televisão são interessantes, o resto não é nada agradável. Só passa coisas horríveis e não fazem sentido p'ra vida da gente.

O pessoal se liga muito nas coisas que não são da Natureza. E até o próprio índio vai se apegando e se adaptando a este tipo de coisa.

A gente observava aquela novela UGA-UGA, passava uma imagem do índio totalmente errada.

A diferença daqui para a cidade grande é que quando nos falta alguma coisa em casa, tipo uma farinha, uma massa de cuscuz, uma carne, o que for, a gente vai no vizinho e pede, sem problemas. A gente vive como uma irmandade.

Eu tive uma experiência em cidade quando passei um tempo em Vitória e percebi que lá é totalmente diferente, não tem amizade, não tem vizinho, não se confia em ninguém. Se andar na rua e alguém lhe chamar, você não pára, nem olha. As pessoas não se dão bom dia. Aqui é outra coisa. Vivemos no paraíso. Longe de drogas, da violência. Infelizmente convivemos com o desmatamento. Mas **vivemos perto de Deus**.

Meu trabalho é levar as pessoas para o médico, alguma pessoa adoce e eu consigo o remédio. Converso com as gestantes para elas fazerem o pré-natal e muitas outras coisas. Quando chega um benefício, como chegou essa semana o adubo, por exemplo, eu procuro as pessoas cadastradas e pego os nomes das mais humildes p'ra distribuir. Não que os outros não tenham o direito, mas eu sempre procuro levar algum benefício para os que têm mais dificuldades.

As pessoas dizem que eu sou uma liderança na área da educação e da saúde e sempre me procuram. Eu faço o melhor que eu posso. Geralmente é um trabalho voluntário. Eu não trabalho só pelo dinheiro. Faço este trabalho porque gosto e, principalmente, pelas pessoas que precisam. A gente tem que estar servindo as pessoas que precisam. Eu faço de coração. Acho que a gente tem mesmo é que dar as mãos e ir em frente, juntos! Já me disseram p'ra ser candidato a vereador. Eu jamais quero ser político, porque o político só pensa em si. Eu gosto de pensar no povo, na nossa cultura. Então perguntam quanto eu ganho e eu digo que ganho a amizade com as pessoas e a graça de Deus.

Pitta



## Eu gosto mais do mato

Eu sou natural de Ilhéus. Cinco anos depois que minha mãe tinha falecido meu pai morreu. Sem pai, sem mãe, fui criada trabalhando nas casas de ricos. Ganhando tostões. Depois, com uns 16 anos voltei p'ra roça.

De dez irmãos, morreram nove, só ficou eu.

Hoje sou viúva. Sou mãe de 14 filhos e já tenho três bisnetos.

A mãe da minha avó foi pegada a dente de cachorro. Ela era cabocla do mato. O povo diz assim porque quando a índia era muito braba e os brancos não conseguiam pegar, colocavam os cachorros p'ra correr atrás. Mas não é os cachorros, é os homens mesmo que pegam. Era assim com os mais antigos.

Quando minha mãe morreu eu tinha sete anos e ela sempre me dizia que minha avó era cabocla também.

Os bisavós de meu marido também eram caboclos.

Outro dia meu filho me disse: Mãe, se sua bisavó era cabocla, seu sangue também é.

Eu não gosto da cidade, não. Eu gosto da roça, que é um lugar sossegado e tudo que a gente planta vem.

Eu gosto mais do mato p'ra fazer meus remédios. `As vezes, a pessoa leva uma pancada e arranca um mato chamado gerbão, pisa e junta o sumo com o leite de gado. Se tiver com o corpo doente, pega um mato e faz o banho.

A folha da ARUEIRA é boa p'ra fazer chá quando tem gastrite.

LOSNA, também p'ra gastrite.

MAL-ME-QUER, p'ra pneumonia.

Quando o menino está com aquele jato de sangue, diarreia, a gente dá a banana de São Tomé.

*Dona Nazilda, 67*



Meus antepassados falavam que Marcelino procurava melhoras para os parentes daqui da região. Quando os brancos viam que ele procurava os direitos para todos eles chegavam em Olivença e botavam os índios para correr.

Antigamente, era diferente porque não tinha documentos, nem quem lutasse por eles. Era na raça mesmo.

Desde quando os brancos vêm as pessoas se levantar e começar a lutar por seus direitos eles perseguem e massacram.

Temos que pedir a Tupã que nos ajude!

Eu gostaria que os fazendeiros tivessem outro modo de pensar sobre o nosso assunto, porque o errado disso aí é o Governo. Ele sempre soube que a terra é indígena e concordou em fazer a medição de nossas terras e fazer títulos. Foi o Governo que colocou os brancos contra os índios e os índios contra os brancos. Parece que enquanto um fazendeiro não morrer o governo não atende, por enquanto só morrem os índios, e só assim que a polícia vem na área, só para tirar os corpos. Fica claro que o Governo quer que os índios briguem com os fazendeiros. Os fazendeiros com seu dinheiro compram a Justiça. Se a gente não fizer uma retomada de terras, a gente fica esperando pela FUNAI toda a vida.

*Otacilio*

Os fazendeiros queriam que a gente ficasse aqui inocentes, sem saber de nada. Então Marcelino trazia informações para nos beneficiar, era muito perseguido. Um dia vieram atrás dele e como não encontraram, pegaram meu pai, tiraram as unhas dele e pregaram ele pela orelha, para ele não sair, mas meu pai para sobreviver rasgou sua própria orelha e fugiu e ficou seis meses dentro das matas, comendo caça crua, porque não podia acender fogo para que não o encontrassem, minha mãe e minha avó, todos ficaram escondidos por seis meses. Meu pai contava essa história para a gente, meia-noite ele acordava e nos chamava para o fogo que tinha no meio da casa para nos contar, nós dormíamos em cima e o fogo embaixo, numas camas improvisadas de ripa de uma madeira chamada Jussara, aí a gente descia para a beira do fogo, beber giroba, comer caça muquiada (torrada), ele contava os causos e depois a gente voltava a dormir. Antigamente passávamos uns tempos num lugar e quando as caças se faziam escassas mudávamos o rancho para outro lugar.

*Genilda Maria de Jesus*

Eu gostaria que os fazendeiros tivessem outro modo de pensar sobre o nosso assunto.

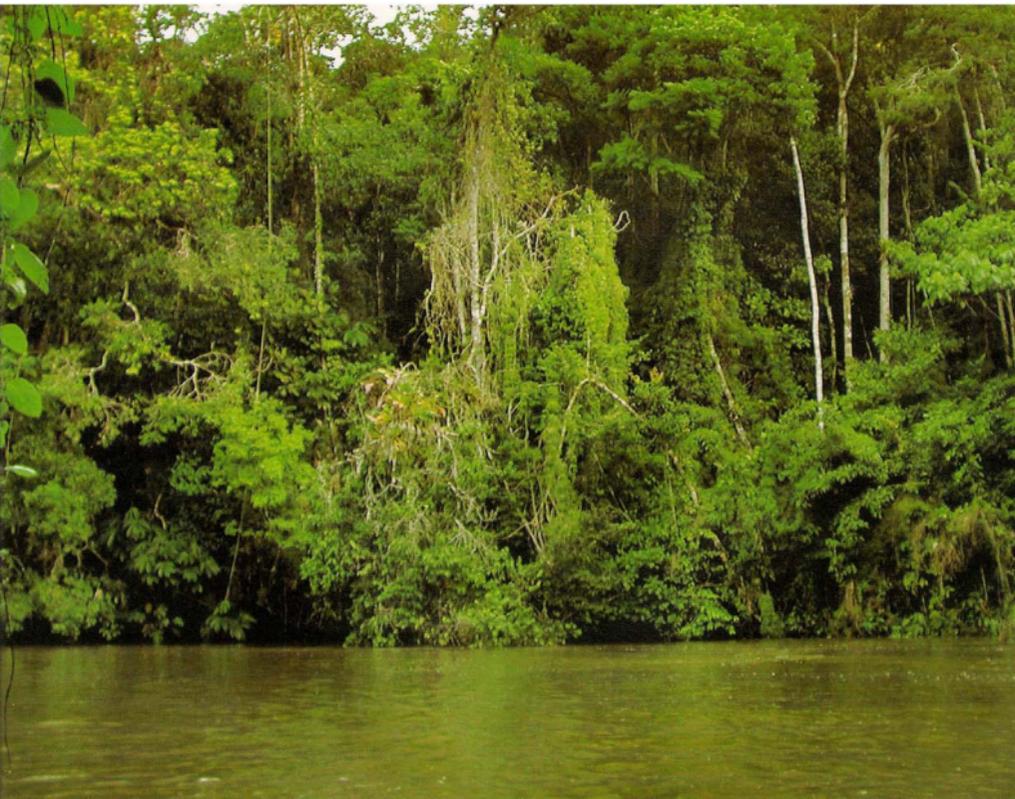


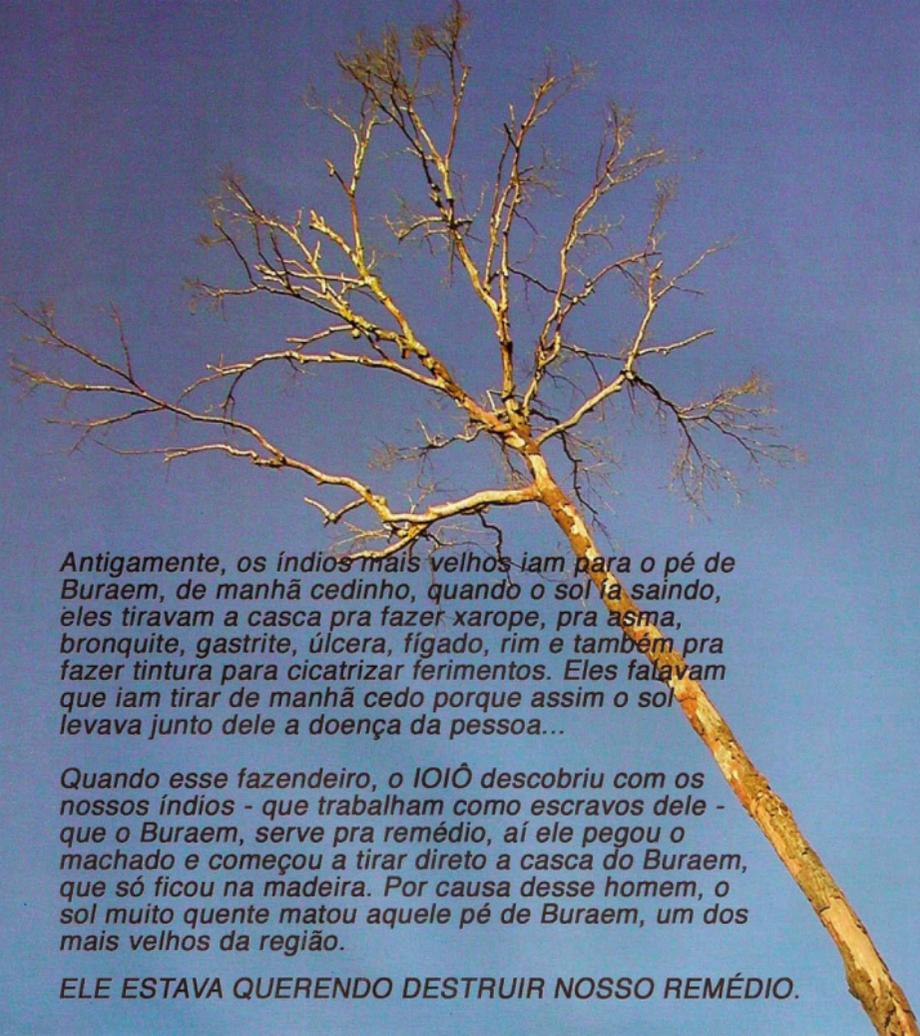
## Pescando na ceva

Pega mandioca na roça, corta, bota umas embiras, amarra, faz umas sessenta cevas, por exemplo, daí anoitece e os peixe começam a comer e a gente joga o jereré, pode pegar uns quarenta peixes, porque eles ficam mansos.

O branco vem aqui, desmata, corta, joga tudo embaixo. E nós nem direito de pegar uma árvore seca temos, porque tem que ir lá pedir uma autorização ao Ibama, enquanto isso aqui se escuta a moto-serra.

*Evanildo*





*Antigamente, os índios mais velhos iam para o pé de Buraem, de manhã cedinho, quando o sol já saíndo, eles tiravam a casca pra fazer xarope, pra asma, bronquite, gastrite, úlcera, fígado, rim e também pra fazer tintura para cicatrizar ferimentos. Eles falavam que iam tirar de manhã cedo porque assim o sol levava junto dele a doença da pessoa...*

*Quando esse fazendeiro, o IOIÓ descobriu com os nossos índios - que trabalham como escravos dele - que o Buraem, serve pra remédio, aí ele pegou o machado e começou a tirar direto a casca do Buraem, que só ficou na madeira. Por causa desse homem, o sol muito quente matou aquele pé de Buraem, um dos mais velhos da região.*

**ELE ESTAVA QUERENDO DESTRUIR NOSSO REMÉDIO.**

**Deus deixou meus braços e minha coragem para trabalhar.**

Meu marido morreu quando completou 29 anos. Fiquei com 8 filhos nas costas. Nunca pedi um pão, eu dizia, Deus deixou meus braços e minha coragem para trabalhar. Naquela época os brancos continuavam tomando as terras dos índios, trocavam por uma espingarda, por um burro, enganando tomaram nossas terras todas.

Guiomar



# A religião do índio é a Natureza

Quando os índios se levantam saúdam logo a Natureza: **DEUS NOS SALVE, MÃE NATUREZA!**

Quando se derruba uma planta ela chora, geme, dói dentro da gente.

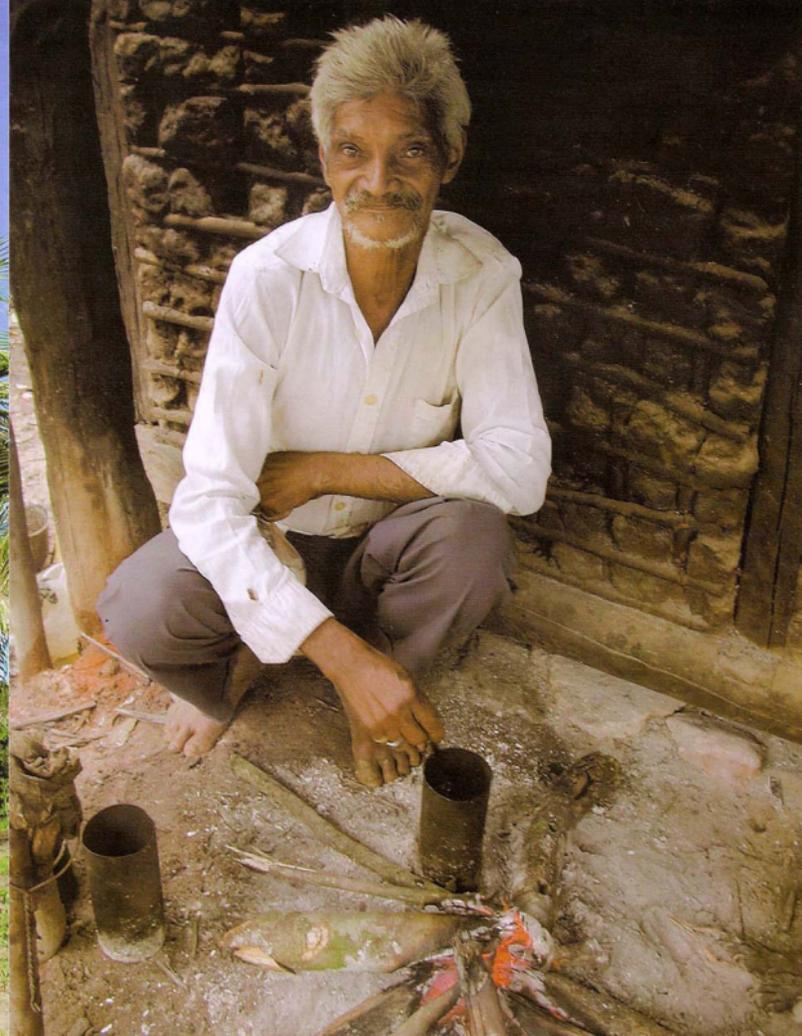
Antigamente a gente sabia conservar a Natureza, hoje com as queimadas e químicas as terras ficam fracas.

A religião do índio é contemplar a Natureza, é saber que aquele outro parente é meu irmão. **PORACIN** é nosso ritual, é pedir forças a Deus.

Meu nome indígena é de herança materna;

**AMOTARA**

Amar a todos



Quando eu vim lá de cima

Eu vim beber minha Jurema,

Veio a chuva, veio o vento,

Também veio Tupinambá

Quem cura é Deus.

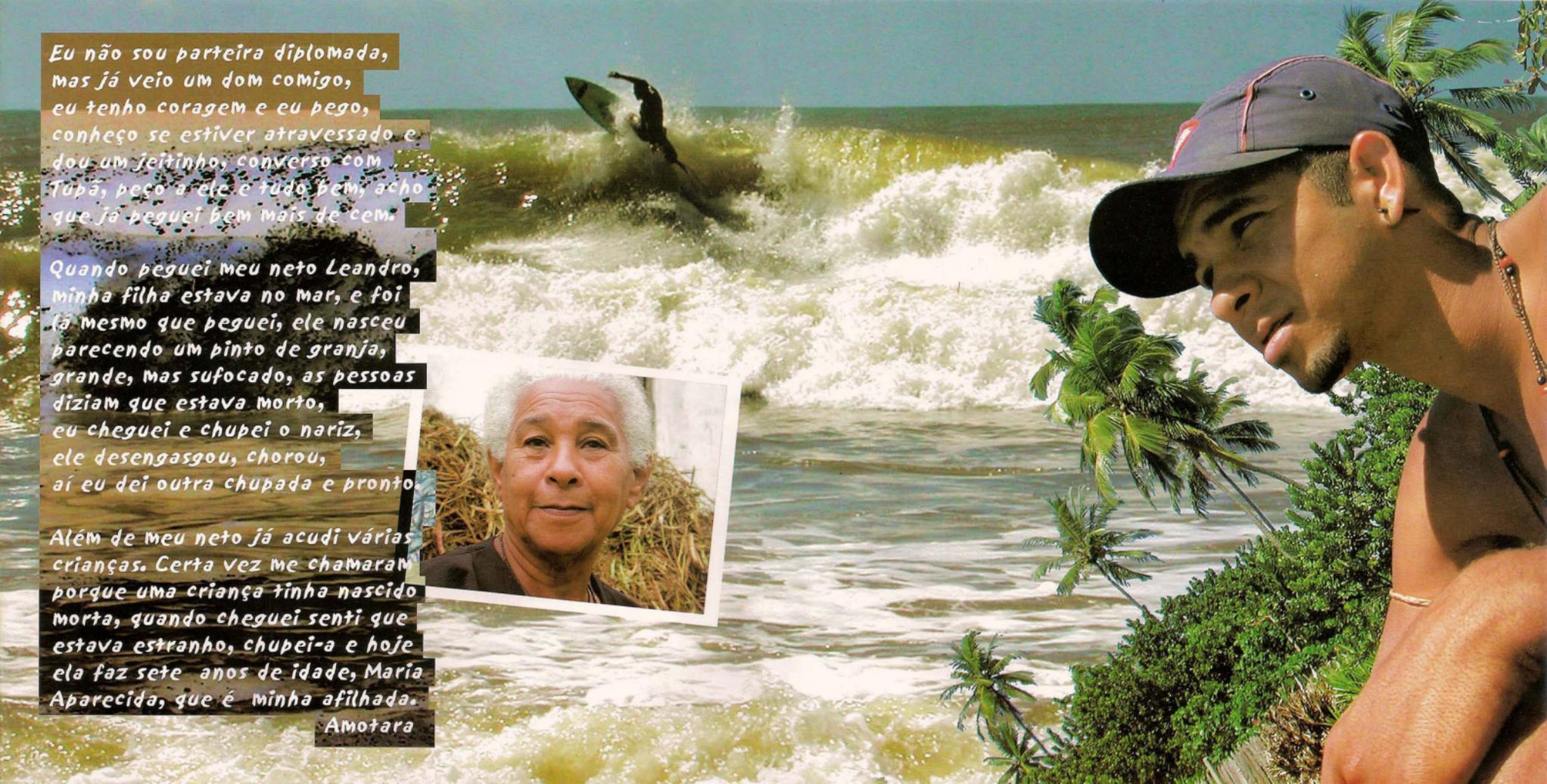
Os índios antigamente não iam na casa de doutor, se tratavam com raízes do mato.

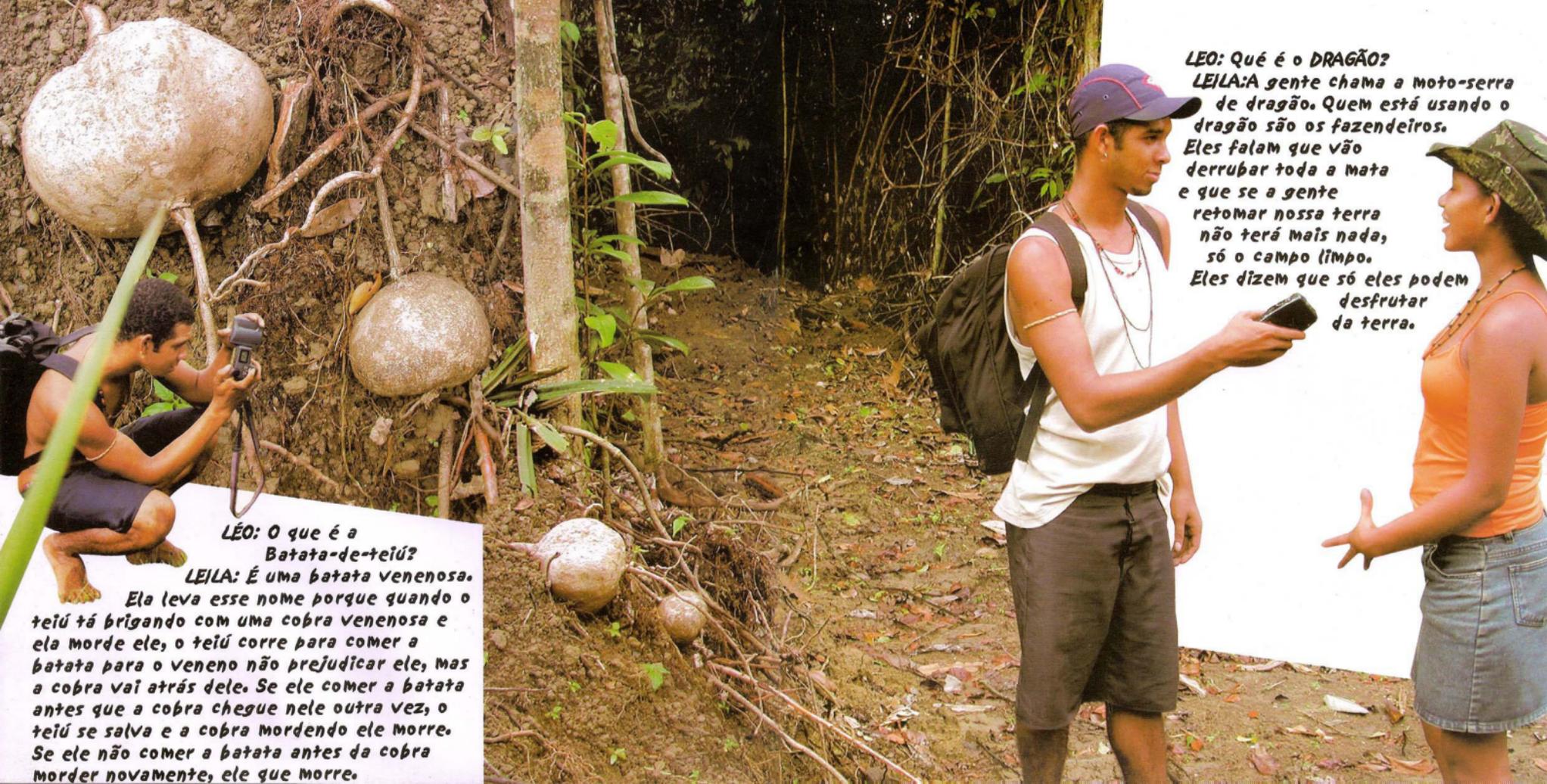
Eu não sou parteira diplomada,  
mas já veio um dom comigo,  
eu tenho coragem e eu pego,  
conheço se estiver atravessado e  
dou um feitiinho, converso com  
Tupã, peso a ele e tudo bem, acho  
que já peguei bem mais de cem.

Quando peguei meu neto Leandro,  
minha filha estava no mar, e foi  
lá mesmo que peguei, ele nasceu  
parecendo um pinto de granja,  
grande, mas sufocado, as pessoas  
diziam que estava morto,  
eu cheguei e chupei o nariz,  
ele desengasgou, chorou,  
aí eu dei outra chupada e pronto.

Além de meu neto já acudi várias  
crianças. Certa vez me chamaram  
porque uma criança tinha nascido  
morta, quando cheguei senti que  
estava estranho, chupei-a e hoje  
ela faz sete anos de idade, Maria  
Aparecida, que é minha afilhada.

Amotara





**LEO:** *Qué é o DRAGÃO?*  
**LEILA:** *A gente chama a moto-serra de dragão. Quem está usando o dragão são os fazendeiros. Eles falam que vão derrubar toda a mata e que se a gente retomar nossa terra não terá mais nada, só o campo limpo. Eles dizem que só eles podem desfrutar da terra.*

**LÉO:** *O que é a Batata-de-teiú?*

**LEILA:** *É uma batata venenosa.*

*Ela leva esse nome porque quando o teiú tá bríngando com uma cobra venenosa e ela morde ele, o teiú corre para comer a batata para o veneno não prejudicar ele, mas a cobra vai atrás dele. Se ele comer a batata antes que a cobra chegue nele outra vez, o teiú se salva e a cobra mordendo ele morre. Se ele não comer a batata antes da cobra morder novamente, ele que morre.*

## A importância de ser índio

Ser índio pra mim é poder ir e vir sem pedir licença, e ser livre pra falar sem ter medo de correr perigo de vida.

Lo que eu quero é desejo profundo, mente é que as pessoas nos respeitem mais, e acima de tudo que respeitem a nossa cultura e a nossa tradição sem preconceito.

500 anos se passaram e ainda os brancos viram massacrando, humilhando e matando nossos povos nos deixando em extinção querendo acabar com nossa história. Mas nós estamos renascendo a cada dia com mais força. 8º um lamento muito grande sermos tratados de Tal forma.

Sou professora indígena, trabalho em minha comunidade com 50 crianças de 4 a 12 anos. Trabalho voluntário em 2000 e fiz um trabalho excelente. Nosso objetivo na escola diferenciada é resgatar nossa história, nossa cultura e a luta de nossos parentes pra sobreviver. Vamos lutar para recuperar

TIPOART

O que foi tirado de nós é difícil eu sei, mas com muita luta sem sangue, sem massacre iremos conseguir.

Jaqueline de Jesus Araújo  
(Inaia)



Mboessara

Comunamos com a ansiedade de formar  
querrelhas, que se valorizam etnicamente,  
críticas em defesa dos nossos  
direitos, resgatando nossa cultura.

Espero que nossos direitos não  
sejam mais uma vez engarrafados  
ou ignorados pelos governantes e  
possamos ter pelo menos esperanças  
que nossos filhos e netos possam  
felizes, estudar, ter seus momentos de  
lazer, trabalhar e procriar livres  
em nossas terras.

Este silêncio dos governantes nos  
aprima quanto a poder político  
destrói a verdadeira alma das pessoas.  
Nunca irei vencer a minha humilde  
e sincera certeza de vitória.

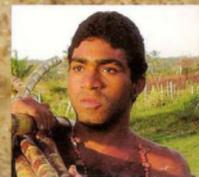
Mbossara

Aqui os índios vivem nas suas terras sendo escravizados pelos  
brancos, sem saber de seus direitos, muitos têm medo de  
assumir sua identidade. Mas, hoje também somos muitos os  
que sabemos de nossos direitos, os que estamos lutando, cor-  
rendo atrás, informando a nossos parentes, conversando com  
todos, reivindicando, levando porradas nas ruas por correr  
atrás de nossos direitos.

Ninguém teve culpa do que aconteceu, mas não podemos ficar  
só esperando, temos que lutar por nós, por que o governo não  
conversa com as pessoas que têm terras nas áreas indígenas,  
eles deixam p'ra lá e os mesmos índios tem que buscar  
resolver. Como o governo não resolve, os índios ficam com  
fama de violentos.

As pessoas dizem que os índios são contra o progresso, contra  
o Brasil crescer, eu acho que não é bem assim, os índios  
querem preservar suas riquezas, que Deus deixou, preservar a  
vida. Nós sempre pedimos para Tupã continuar nos proteger.  
Eu tenho respeito por todas as raças, ninguém de hoje tem  
culpa do passado. Deus fez todos iguais, ninguém melhor de  
que ninguém, nós queremos reconquistar essa união com a  
Natureza, essa liberdade, essa felicidade que nós tínhamos  
antes dos portugueses chegar.

Nós queremos nossas terras demarcadas para  
fazer nossa cultura, para voltar a ser livres.  
Nós queremos respeito.



Marcelo.

## Hoje nós não temos nossa terra, nem nosso mar

A necessidade de ter o mar é muito grande. Os mais velhos estão sempre dizendo: O mar é muito importante. Que saudades de ir com a família para tomar banho de mar... Hoje nós não temos nossa terra, nem nosso mar. Os índios não podem entrar na praia do Siririba, dos Lençóis, não pode porque são cercadas, antigamente era descer do mato e entrar na praia, tirava coco de chandoca, catava concha, pedrinhas, búzios, ouriços. Hoje nós estamos cheios de limites: proibido caçar, pescar, proibido entrar... No nosso mangue nos proíbem pegar carangueijo, aratu, peixe. O Ibama proíbe coisas para nós e libera para o branco que paga uma gorjeta, libera para eles destruírem nossa mata, já denunciemos na Procuradoria, já vieram, tomaram a motosserra e eles sempre voltam com novas, se fosse um índio estava preso, ainda que o índio só faça as coisas p'ra sobreviver, ainda que ele faça tudo o que pode para preservar. Cada planta que nasce, cada árvore, é nossos antepassados dando força p'ra que a terra não fique nua. Os brancos só querem deixar a

terra nua. Cada vez que vejo as máquinas destruindo a mata, aquilo dói, eles tirando as vidas, e nós sabemos quanto tempo demora uma mata para nascer. O cemitério indígena, na Praia dos Coqueiros, já esta fechado de muro, essa terra sagrada foi comprada. A cada dia que passa os

brancos vão tomando e nós sem direito a nada, nem a respirar. Eles estão tirando as matas, poluindo os rios e eles também vão sofrer com isso.

Eu não tenho terra, então luto por mim e por meus parentes, para a gente ter o que é nosso. Os brancos chegaram com a ganância do dinheiro, enganando os índios para tirar suas terras.

Hoje entendo o medo que eles botaram nos índios, quando vejo que Marcelino não tinha o apoio do povo todo. Olivença era o centro da comunidade indígena e hoje quase não tem mais índios, aqui os brancos mandam em tudo!!

Hotéis, pousadas, clubes, aqui tem casas de deputados, vereadores... aqui eles humilham, eles pisam, eles machucam, eles colocam a gente como figuras de revista. Quando vem um grupo de estrangeiros eles querem a gente para mostrar: Oh! os índios, Oh! os índios, fotos, fotos... e acabou.

Agora os brancos votaram uma lei que nos dá direito a ter de volta nossas terras, foram os brancos também que nos deram direito na lei de ter uma educação diferenciada... mas não estão assumindo, e nós não vamos ficar calados, vamos gritar, porque se alguém nos discrimina hoje e nós não fazemos nada ele vai nos discriminar a vida toda. Tem que denunciar... Tem que demonstrar que nós não somos diferentes de ninguém, que só queremos viver nossa cultura. Antes diziam aqui não tem índios, só tem uns Caboclos dentro da Mata. Nós começamos a ir a Brasília. Com o apoio dos Pataxó e de algumas instituições, em 1999, nós nos estruturamos mais. Eu fui eleita Cacique e agora, em 2002, o governo nos reconheceu oficialmente. Já tem cadastros de 1999 com 2.624 índios, mas somos muitos mais. Agora estamos no processo de delimitar nosso território, vai ser com aquela história velha que todos sabem das *7 léguas em quadro*. A gente não quer entrar em pé-de-guerra, então estamos conversando, pensando que as pessoas que queiram continuar vivendo dentro de nossa área terão que pagar um imposto. Não queremos que morra ninguém, porque cada vida vale muito, mais que qualquer casa ou fazenda. Queremos juntar todos os índios em uma localidade só. Reflorestar toda a área desmatada, juntar os parentes onde possam viver em união, partilhando uma escola indígena, um centro de saúde, um centro cultural, todos juntos, com uma roça coletiva e também cada um com sua rocinha. Aqui somos todos os dias ameaçados, principalmente nós que falamos de nossos direitos. Eles querem nos varrer e, fundamentalmente, somos muito discriminados, nos chamam de ladrões, de preguiçosos.





Nós não somos um povo ressurgido como dizem, sempre existimos, só que com muito medo, cheios de barreiras, mas vamos recuperar nossas terras e aqueles parentes que hoje estão em Ilhéus catando lixo p'ra sobreviver vão poder voltar e criar suas roças. Muitos parentes que têm uma terrinha doa para outros parentes um pedacinho de terra para se acomodar, mas queremos o que é nosso.

Aqui estamos muito isolados, sem telefone, sem eletricidade, sem acesso de carros. Enquanto tiver vida vou lutar, por mim, por meus parentes, por nossos filhos e netos.

**Jamopoty é o meu nome** indígena, que significa Florescer. Eu quero recuperar nossas terras para a gente ver muitas flores.

Aqui tem muitas pessoas que não têm o que comer, mas aqui a gente não pode receber comida, tem que receber nossa terra para depois colher nossa comida.



**ÍNDIO QUER RESPEITO** foi uma campanha realizada pelo povo Tupinambá com a coordenação da Thydêwá e o patrocínio da Ford Foundation, através do Centro de Estatística Religiosas e Investigações Sociais (CERIS) pela qual os índios sensibilizaram mais de 15.000 pessoas sobre o valor da diversidade cultural, em março de 2003. Um trabalho contra a discriminação racial que recebeu o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a Prefeitura de Ilhéus e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).



DESCobri que no Outro moro eu,  
que entre as montanhas,  
entre a mata,

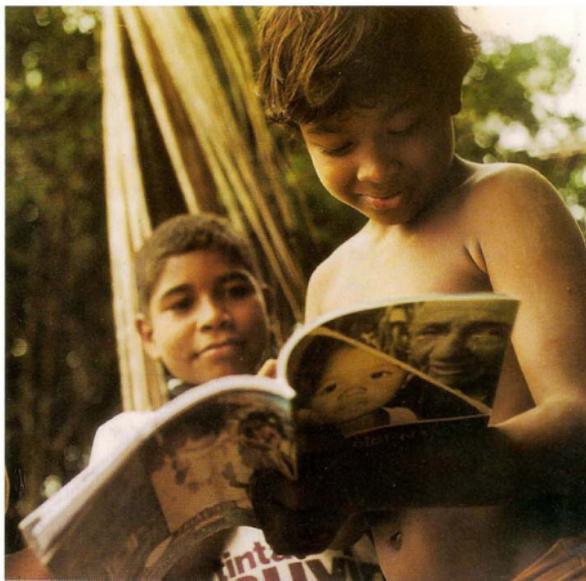
Os índios Tupinambá,  
dos primeiros em conhecer o fogo da cultura "branca",  
obrigados a carregar uma igreja em suas cabeças,  
massacrados em sua própria terra,  
hoje cantam e dançam  
ao Pai Tupã,  
à Luz da Lua,  
a alegria de viver,  
a luta por seus direitos,  
pela vida,  
por todos,

Os Tupinambá me ensinaram a  
cantar, a lutar, a resistir,  
a pisar devagar,  
a agradecer...

Agradeço ao povo  
de toda a Natureza,  
às árvores,  
aos rios,  
aos corações generosos,  
ricos em humildade,  
professores da simplicidade  
e da entrega.  
Aos índios que se plantam  
a si mesmos  
buscando a beleza.

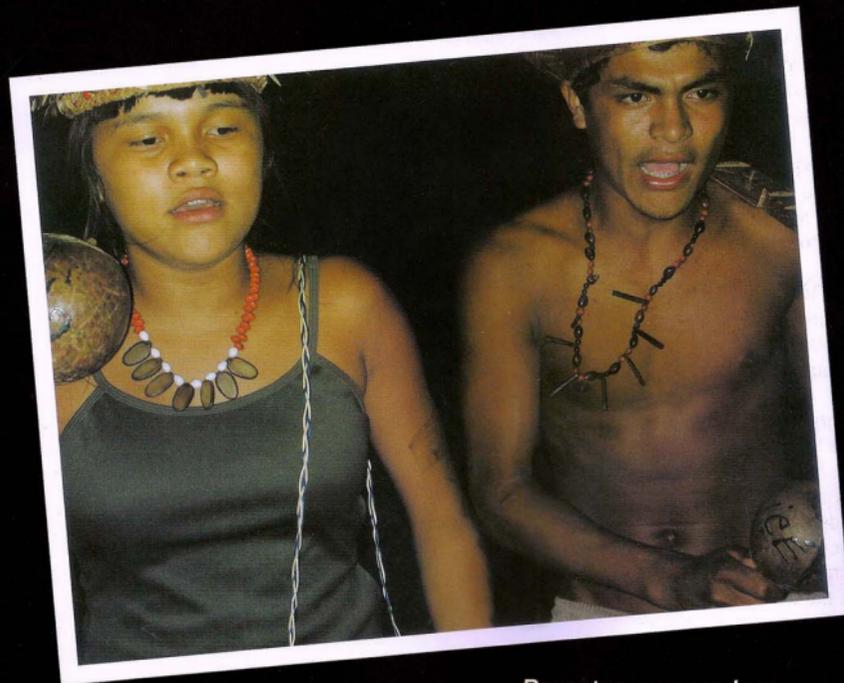
Seu parente,  
Sebastian Gerlic

Atualmente somam sete os livros da coleção:  
ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS.



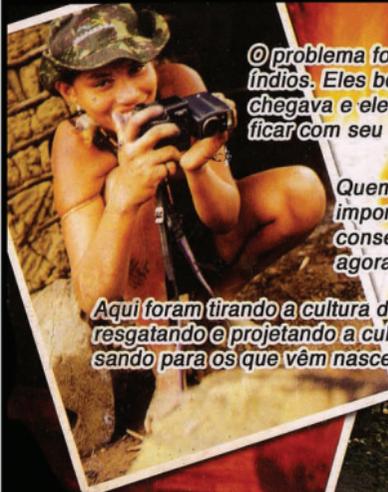
*Quando eu danço o 'Poracim' eu sinto uma vibração  
diferente, sinto força, sinto meu pensamento positivo,  
sinto força para me unir com meu Povo.*

*Leila*



*Parentes eu agradeço  
Eu agradeço de coração  
A nossa luta é muito grande  
Mas nós lutamos por precisão*

Patrocínio do Bompreço, utilizando os benefícios do Programa Estadual de Incentivo à Cultura - Fazcultura do Governo do Estado da Bahia.  
Lei nº 7015/96 - Salvador - Bahia - 2001



*O problema foi que os brancos começaram a tomar a terra dos índios. Eles botavam uma venda, usavam a cachaça, aí o índio chegava e eles diziam: caboclo você está me devendo e eu vou ficar com seu lugar.*

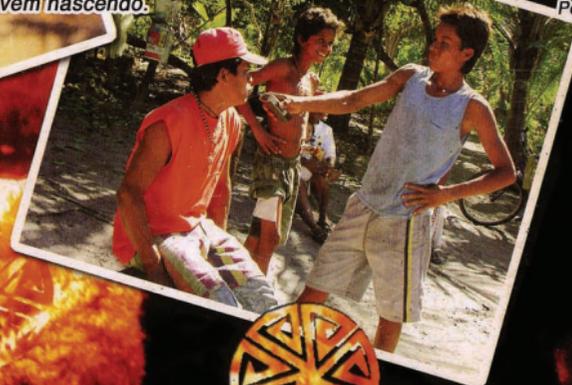
*Pedro Bráz*

*Quem domesticou os índios aqui foram os jesuítas, impondo o catolicismo, por isso hoje estamos resgatando, conseguimos que o governo reconheça nossa aldeia e agora estamos lutando para demarca-la.*

*Leila Bráz*

*Aqui foram tirando a cultura do índio, obrigando a falar o português, agora nós estamos resgatando e projetando a cultura indígena; conversando com os mais velhos e passando para os que vêm nascendo.*

*Pedrisa Bráz*



Realização:  
**THYDÉWÁ**

*O resultado da venda dos livros será revertido em benefício das comunidades indígenas.*

Patrocínio:



Apoio:

